

**FUMETTI COM FILOSOFIA:
UMA LEITURA DE DYLAN DOG
À LUZ DE NIETZSCHE E SCHOPENHAUER**

Ronaldo Vinagre Franjotti (UFMS/SED-MS)
tutor.franjotti@gmail.com
Taís Turaça Arantes (UEMS)
taistania@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa uma história em quadrinhos italiana, *Fumetti*, especificamente de um personagem chamado Dylan Dog. A história em questão trata da discussão e construção de valores éticos para a sociedade contemporânea. Por isso, o texto se vale da filosofia de Nietzsche e de Schopenhauer para, em obras como *A Genealogia da Moral* e *O Mundo Como Vontade e Representação*, respectivamente, tecer sua análise. Os pensadores supracitados são marcados pela busca de um conceito de moral e, para alguns autores, pela anulação da(s) mora(l)is) vigente(s). Dylan Dog é esse super-homem nietzchiano que transcende a moral comum e elege seus próprios valores.

Palavras-chaves: Dylan Dog. *Fumetti*. Filosofia. Schopenhauer. Nietzsche.

1. Introdução

Os quadrinhos italianos tiveram seu início cronológico em 27 de dezembro de 1908, em um suplemento dominical infantil do famoso jornal *Corriere Della Sera*. Seu formato era o mesmo das tiras de quadrinhos norte-americanas, repletas de balões que, por serem semelhantes a sinais de fumaça foram assim batizados: *Fumetto* ou *fumetti*. Nesse primeiro momento, todas as tiras possuíam aquele formato de história que se resolve em apenas uma tira. No princípio, ao contrário do que já se via nos Estados Unidos, as tiras italianas eram direcionadas apenas ao público infantil (o nome do suplemento era *Corriere dei Piccoli – Correo dos Pequenos*) e visavam uma simples distração lúdica.

Apenas na década de 30 surgiu a primeira revista dedicada, ainda voltada para o público infantil, totalmente aos quadrinhos: *Jumbo*, da editora Lotario Vechi. Mas é após a segunda grande guerra, período em que o país fica em frangalhos, que os editores passam a investir nos autores nacionais (para não pagar *royalties*) e surgem as revistas que narram aventuras de um personagem apenas. Em 1948, Gianluigi Bonelli edita

Tex Willer, o personagem *fumetti* mais famosos de todos os tempos, em vendagem e repercussão ao redor do globo.

Nas décadas seguintes, houve muita evolução e inúmeros personagens e revistas compuseram a glória do quadrinho italiano. Entretanto, nos deteremos, por conta do corte de nosso *corpus*, em um anti-herói que nasce em 1986: Dylan Dog. Esse personagem, fruto da mente de Tiziano Sclavi, compõe o arco de personagens da Bonelli Comics. Trata-se de uma história em quadrinhos de terror, um gênero conhecido na Itália como terror Gore ou Splatter – pois foca nos pontos chocantes como a dilaceração dos corpos e os borrifos de sangue (*to splatt* em inglês).

Dylan é um clássico cavaleiro solitário, um típico conquistador que nunca se satisfaz plenamente com as conquistas alcançadas. Suas histórias nunca possuem um “final feliz”, são permeadas por conclusões agrídoces, nas quais seus objetivos só são alcançados parcialmente. Aparentado como detetive da Scotland Yard, Dylan se apresenta como um detetive particular disposto a investigar o surreal – intitula-se o detetive do pesadelo. Seu auxiliar direto no combate ao sobrenatural é Groucho – um trapalhão viciado em humor grotesco que possui a aparência e os trejeitos do famoso comediante norte-americano Groucho Marx – é ele o contraponto humorístico do protagonista. Aliás, o próprio Dylan tem seu layout inspirado em outra figura real, o ator Rupert Everett.

A grande marca das histórias de Sclavi, por isso escolhemos uma delas, é o aprofundamento psicológico do horror, fundamentado em clássicos da literatura como Edgar Allan Poe, Bram Stoker, Mary Shelley, H. P. Lovecraft, Stephen King e Richard Matheson, dentre outros. Dylan é um homem moderno preso nos dilemas de uma Londres contemporânea. A história que analisaremos neste artigo revela bem esses traços: um garoto é encontrado e se descobre que sua deficiência não decorre de um problema genético, mas de uma espécie de experiência sádica. Dylan se vê obrigado a investigar o caso e, nesse intermeio, discute vários estereótipos modernos, como o da família burguesa aparentemente perfeita e da juventude perdida pela falta de valores éticos.

A busca por um norteamento moral, após a decadência dos valores cristãos que teve início a partir da reforma protestante, ainda é um dos maiores desafios da filosofia contemporânea. Por isso, escolhemos dois filósofos que trataram essa questão de pontos de vista semelhantes e que podem ser interligados ao *modus operandi* dos quadrinhos de Sclavi: Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

2. *Esboço sobre pessimismo em Schopenhauer e nihilismo em Nietzsche*

Diferente de Kant e outros filósofos alemães, Schopenhauer, no que tange à sua estilística, possui uma linguagem simples, clara e direta em sua filosofia. Contudo, essa clareza não torna menos complexa a compreensão total de seus enunciados. Em *O Mundo Como Vontade e Representação*, o referido filósofo apresenta um mundo cientificista, de clara influência Darwinista, distante da premissa criacionista de um mundo surgido “do nada”. Para Schopenhauer, não há uma única realidade, por mais que sua base seja a observação empírica, mas cada indivíduo representaria seu próprio mundo a partir de sua vontade. O pessimismo, sugerido na primeira parte da obra *O Mundo Como Representação* se concretiza no segundo trecho: "O mundo como vontade: primeiro ponto de vista". Isso ocorre, pois o autor parte da premissa que advém da vontade todo e qualquer sofrimento humano, e que, como escravos que somos de nosso instintos animalescos, não temos opção a não ser tentar satisfazer nossa vontade durante todo o tempo de nossa vida. A vontade está relacionada com o corpo, que assim como sente prazeres, também sente as dores. Como Sousa (2012, p. 115) explica,

O que, de fato, preenche a vida incide diretamente sobre nossa existência e essa, antes de qualquer furor de alegria, na visão schopenhaueriana é mordaz e desoladora. A vontade condenada a estar eternamente insatisfeita não encontra nada que a satisfaça; de forma astuciosa se mascara em mil fenômenos, persegue cada um sem descanso, esgota-os sem cessar.

A vontade sempre atuará sobre a vida e isso nunca levará a uma felicidade plena, no máximo, momentânea. Na visão pessimista de Schopenhauer, o indivíduo nunca verá suas vontades realizadas, os desejos nunca satisfeitos, os esforços sempre em vão, a esperança morta, demonstrando o quanto a vida é uma somatória de todas as negatividades do destino. (SCHOPENHAUER, 2001)

Nietzsche, que foi inspirado por tal filósofo, também nutriu uma visão dura da realidade e destilou uma filosofia pessimista. Ao tratar do conceito de “bom” (bondade), ele apresenta definições diferentes do termo, entre essas definições, as que se ligam à etimologia da palavra em diversas línguas, pelo qual o filósofo explana ser a “indicação do caminho certo” para a sua dissertação. (NIETZSCHE, 2009)

Destarte, a transformação conceitual da palavra está radicada em um sentido social de nobre de “aristocrático”, o que faz entender que o conceito de ruim está ligado a “plebeu” e “comum”. Ainda nessa pers-

pectiva, é apontado que as origens do signo “bom” enalteciam “os nobres” por lhe fazerem sentirem superiores devido a essas raízes etimológicas. Em suma, o bom e o mau se equivalem as classes rivais, tais como: o nobre e o escravo; o sacerdotal e o guerreiro (subdivisão da classe dos nobres). (*Idem*)

Nesse contexto, uma profunda discussão acerca desses conceitos permeia o sentido da moral para escravos e para senhores, enquanto para os primeiros a moral se caracteriza como um ressentimento que os faz se compararem com os outros que lhe são superiores para serem felizes, para os últimos, não há ressentimento, pois a moral é nata, vinculada à hereditariedade. O esboço elaborado é o do ressentimento, pois só os nobres são bons, contudo há a inversão de valores a partir da noção criada pelo pensamento de que bom é aquele que é o inferior e não quem é superior, o mau, que inferioriza o mais fraco. No que tange a essa questão dessa primeira dissertação, Nietzsche a trabalha de forma dualística em uma acepção de que o inferiorizado é quem sofre em comparação ao nobre.

A partir dessa negação da bondade no nobre que se estabelece a relação do ressentimento e niilismo, como explica Pacheco (2013, p. 55) que:

O filósofo alemão está se referindo a um niilismo presente no “agora”, isto é, na própria contemporaneidade de Nietzsche, que, fazendo referência a um esgotamento de ânimo frente ao homem, estabelece a genealogia do niilismo, historicamente falando, desvinculada de uma gênese primordial dos valores, seja dos nobres, seja dos escravos.

Partindo da famosa premissa “Deus está morto”, podemos observar em Nietzsche a desconstrução do ideal platônico, aqui representado pelo Deus Cristão, que é a marca inicial do niilismo. Para o filósofo, a morte de Deus e a descoberta da perda de verdade são os fundamentos para uma tomada de consciência niilista que exige uma resposta. Essa resposta, Nietzsche biparte em dois tipos: o niilista reativo – paralisado e ressentido pela ausência dogmática que até então o movia – e o niilista ativo – que assume a aceita essa perda da verdade, mas dela extrai forças para se libertar e tornar-se o próprio criador de seu sistema valorativo. Esse é nosso ponto de apoio para a reflexão sobre o *corpus* escolhido, Dylan é um herói pós-morte de Deus, seus valores são construídos por ele mesmo (como sugere Nietzsche) e derivam de sua percepção da realidade, da representação de sua vontade (conforme nos ensina Schopenhauer).

3. *Análise do corpus*

Escolheu-se como corpus o *fumetti* “Dylan Dog – Johnny Freak”, lançado no Brasil em 2001 pela editora Conrad. O objetivo é analisar o comportamento das personagens, tanto do protagonista quanto da família biológica da personagem Johnny Freak, a partir do niilismo de Shopenhauer e Nietzsche.

Sobre as informações técnicas, o roteiro é de Mauro Marcheselli e Tiziano Sclavi. A arte ilustrativa da capa é de Mike Mignola (vide figura 01) e os traços são de Andrea Venturi (vide figura 02). A presente edição foi lançada originalmente em 1993²³, e, no Brasil, em 2001, em um box especial que reunia seis histórias da personagem, sendo Johnny Freak o primeiro deles.

No que concerne à narrativa, trata-se de uma aventura em que Dylan Dog ajuda Johnny Freak, um menino deficiente que durante a narrativa é mostrado como alguém cruelmente vitimado pela família em que estava inserido e, ainda assim, moralmente superior a ela.

O *fumetti*, em um primeiro momento apresenta a rotina de um menino sem pernas e silencioso (mais tarde o leitor perceberá que ele é mudo) que é tratado como um animal, que vive dorme dentro uma caixa, vive preso em um quarto e tem o seu alimento servido em uma tigela de cachorro. Os fatos começam a se desenrolar quando Johnny Freak percebe um incêndio no quarto onde vive preso e empreende uma fuga em meio às chamas.

Após conseguir fugir, ele se vê em um parque sozinho e com fome. Ao perceber que uma senhora dá alimentos aos cães que também estão abandonados no parque, ele se aproxima, após a saída da idosa, e também começa a se alimentar. Há então uma presença do fantástico pois um dos cães aparece na porta de Dylan e o arrasta para o parque.

O cachorro, no primeiro momento, guia o herói até uma cadelinha morta, cercada por vários cães abandonados (depois é explicado que o irmão mais novo do garoto perdido é quem maltratava os animais juntos com os colegas), depois o cão leva Dylan para onde Johnny está escondido.

23 Disponível em: <<http://texbr.com/dylandog/italia/serieregular/dyd001ao100.htm>>. Acesso em: 08-2015.

Ao encontrá-lo Dylan fica surpreso e o menino assustado. A reação inicial do protagonista reforça o caráter de novidade na perspectiva moral, ao invés de se assustar com a figura horrenda desse menino deficiente, sujo e assustado, a reação inicial é compreensão e carinho. Dylan o encaminha a um hospital e lá constata, ao conversar com um médico, que ele surdo-mudo de nascença, mas não nascera aleijado. Suas pernas foram amputadas, bem como removidos cirurgicamente um rim e um pulmão. O mais fantástico da narrativa é que, segundo o médico, não havia nenhum motivo, presumisse que todas as partes removidas eram saudáveis.

A partir desse encontro, Dylan coloca o nome de Johnny no garoto e o leva para a casa. Quando a mídia repercute a notícia, apresenta o menino com a alcunha de Freak (monstro, aberração em inglês). Nesse tempo, aparecem aqueles que seriam os pais biológicos de Johnny, alegam que o menino fora sequestrado quando criança e, por ordem da justiça, eles conseguem levá-lo de volta para casa. Dylan descobre que é essa família, sua verdadeira família biológica, que o manteve como um animal em cativeiro e que efetuou as cirurgias. Os pais de Johnny eram ricos e usavam o menino (filho bastardo apenas da esposa) como repositório de órgãos para o meio irmão, filho legítimo do casal que nascera como uma rara doença degenerativa. O texto adquire então um intenso viés filosófico e moralista. Os pais de Johnny são um casal de médicos – aparentemente ateus – que não veem problema algum em molestar e extrair os órgãos do bastardo com a finalidade de salvar seu filho legítimo. Eles são o que poderíamos chamar, segundo a perspectiva de Nietzsche, de niilistas reativos. Para esse casal, a ausência de um Deus cristão, moralizador, resultou na percepção de que, como diria Ivan Karamazov, “tudo é permitido”. Não há remorso, nem moral, só a moral do mais forte.

Dylan é o representante do outro viés, ele não depende de um Deus moralizador também, mas é um niilista ativo – enxerga por si próprio a necessidade de construir sua moral e sistema de valores, dentre eles, o principal é a compaixão. O embate continua na figura do meio irmão de Johnny, um jovem inconsequente e violento que, junto com os colegas, vai regularmente ao parque para matar cães abandonados a pauladas e vandalizar o local.

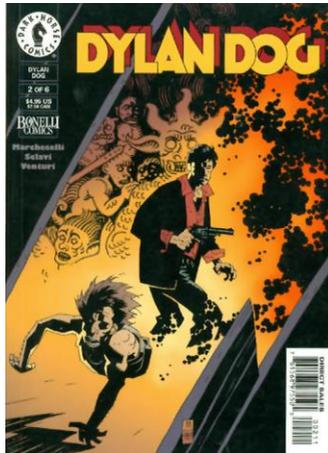
Dougal, o meio irmão, se revela o fruto amadurecido do niilismo reativo dos pais. Ele só pensa suas necessidades e prazeres imediatos, um escravo de sua vontade, como diria Schopenhauer. Descobrimos ao longo

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

da narrativa que foi ele quem incendiou o esconderijo do garoto e que sente nojo por depender dos órgãos de um Freak.

Ainda assim, o casal, quando rouve a guarda do menino, tenta remover-lhe o coração para Dougal que tivera uma recaída. Dougal se recusa e, na cena final, tenta assassinar o meio irmão no parque. Dylan aparece e eles lutam. Desarmado, o herói está prestes a receber um tiro de escopeta de Dougal quando Johnny entra na frente e acaba levando o tiro. O menino também, apesar de todo o sofrimento e das limitações que lhe são impostas, é outro exemplo de niilista ativo – ele não se amargura, desenvolve por Dylan um afeto filial e se sacrifica pelo protagonista. Ferido e ciente de sua morte iminente, Johnny ainda reúne forças para dizer que gostaria de doar seu coração para o meio irmão doente.

Dylan se recusa a aceitar essa postura, mas cede ao último desejo do garoto e comunica o médico responsável. O episódio se encerra com a cena da autorização da doação. A prisão de toda a família biológica fica subentendida. Dylan sai do hospital ao nascer do sol. Esse final apoteótico sugere também o nascimento de uma nova ordem moral e o prosseguimento da vida – não mais fundada em um valor judaico-cristão, mas erigida nos valores construídos pelos próprios indivíduos.



(Fig. 01 – Capa da edição brasileira)



(Fig. 02 – Traços do desenho de Andrea Venturi)

4. *Considerações finais*

Com esse breve exposto sobre os *fumetti* e Dylan Dog e a relação feita com os mesmos a partir de bases teóricas da filosófica, constatou-se que não somente os quadrinhos italianos, como também outras histórias do gênero podem ser abordadas como *corpus* para uma pesquisa acadêmica. Percebemos que elas não devem nada à profundidade filosófica de muitas obras renomadas da literatura mundial, tanto que vários escritores e teóricos, como Umberto Eco, já se debruçaram sobre o fenômeno dos quadrinhos para os analisar.

Constatamos também que a história abordada, por seu caráter contemporâneo, reflete a intensa necessidade que a sociedade do século XX vivia, e podemos dizer que ainda vivemos no século XXI, de buscar referências morais para conduzir sua práxis. Dylan é o exemplo de que o niilismo decorrente do inevitável desgaste dos valores cristãos não deve conduzir necessariamente a um vale-tudo ideológico – como observamos nos pais de Johnny Freak. Ele é aquele que, mesmo ciente de que o mundo deriva de sua própria vontade apenas, escolhe erigir valores além de seu próprio bem-estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- PACHECO, Juarez de Oliveira. *Perspectivas acerca do niilismo na genealogia da moral*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo.
- REDYSON, Deyve. Schopenhauer e a metafísica do pessimismo. *Princípios*, Natal, vol. 15, n. 23, p. 255-269, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.principios.cchla.ufrn.br/arquivos/23P-255-269.pdf>>. Acesso em: 08-2015.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SOUSA, Karla Samara S. Principais elementos do pessimismo Schopenhaueriano. *Revista Lampejo*, n. 02, p. 114-129, out/2012. Disponível em: <http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/edicoes/edicao-2/artigos/Artigo11_Karla_114_a_129.pdf>. Acesso em: 08-2015.
- SOUSA, Mauro Araujo de. *Nietzsche e a genealogia da moral: uma obra-chave no pensamento nietzchiano*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

Iconografia

- Fig. 1** – Capa da edição brasileira. Disponível em: <http://36.media.tumblr.com/tumblr_mc9xr9JqeH1rtvykco1_500.jpg>. Acesso em: 08-2015.
- Fig. 2** – Traços do desenho de Andrea Venturi. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-oV2dh0_UuTg/UUZab6XIHxI/AAAAAAAAADA/NvaKEg1RuIM/s400/jhonny-freaks.jpg>. Acesso em: 08-2015.